

# Ao serviço dos imigrantes africanos em Paris

Iván Muray é chileno, tem 39 anos e mora em Paris há seis. A sua condição de estrangeiro levou-o a participar numa associação eclesial que acolhe crianças, adolescentes e jovens de África, a maioria dos quais chegaram lá sem os pais. Dá-lhes tempo, carinho e ajuda-os a integrarem-se nesta nova cultura.

28/09/2023

O Papa Francisco apelou em diversas ocasiões para procurar soluções para o desafio apresentado pela integração cultural, para «desenvolver programas que preparem as comunidades locais para estes processos». (Mensagem para 104.º Dia Mundial do Imigrante e Refugiado 2018).

Iván é chileno e cooperador do Opus Dei. Mora em Paris há seis anos. Ali respondeu ao convite do Romano Pontífice para promover uma cultura do encontro.

## **Um voluntário de integração cultural**

Iván conheceu, no Chile, a associação católica *Puntos Corazón*, que possui casas em bairros desfavorecidos em diversas partes do mundo, com voluntários que acompanham pessoas carenciadas no seu dia a dia; foi assim que ele decidiu partir em missão com eles para França.

Atualmente, e há seis anos, trabalha numa escola secundária em Paris, onde dá aulas em espanhol sobre atualidade e história política latino-americana e faz um Mestrado em História da Filosofia na *Sorbonne*. Um amigo que conheceu numa peregrinação de *Notre Dame* à Catedral de Chartres, uma caminhada de 100 km em três dias, convidou-o para uma palestra de formação no centro do Opus Dei de Garnelles, em Paris.

Iván conta que uma das «atividades realizadas por alguns jovens que vão para *Garnelles* é dar aulas de apoio escolar aos migrantes da associação “Notre Dame de Tanger” da irmã Marie-Joseph Biloa, que se preocupa em receber e cuidar de crianças e jovens que chegam sem os pais da Nigéria, Gana, Camarões, entre outros. Embora essas crianças frequentem a escola para terminar os estudos, necessitam de aulas

extras, principalmente devido à mudança de língua.

Na minha experiência como imigrante e no trabalho que fiz há anos com eles, percebi a importância da integração cultural para que se sentissem parte do país em que vivem. Essa integração passa por conhecer a cultura, por isso falei com associações culturais e candidatei-me a bolsas de estudo. De seis em seis semanas vamos a museus, jardins zoológicos e locais turísticos em grupos de 10 a 15 pessoas com idades entre os 16 e os 18 anos.

Em geral, os migrantes não saem dos bairros onde vivem, não conhecem a cidade e disseram-me que estas visitas eram uma forma de fugir à rotina e sentir-se parte, como mais um, do país. Desta forma, queremos responder ao apelo que o Papa Francisco nos fez para que cada família, cada paróquia, cada

instituição se pergunte: “que posso fazer pelos imigrantes?”».

## **Em busca do sentido da vida**

«Na minha família não éramos católicos muito praticantes, mas participei dos escuteiros da Paróquia Italiana em Santiago do Chile e todos os domingos íamos à missa. Com o passar dos anos, percebi que precisava dar mais conteúdo à minha vida. Nessa busca, li Sto. Agostinho e percebi que a religião era mais que a filosofia.

No final do ensino secundário, estudei Filosofia e depois fui estudar um ano em França, onde comecei a conversar com um padre da Ordem Dominicana que me orientou na busca de dar mais sentido à minha vida. De regresso ao Chile, comecei a catequese para receber os sacramentos.

Foi nessa época que conheci a associação católica *Puntos Corazón*, que atua em bairros sociais de diversos países, e decidi ir em missão com eles a França. Agora dedico-me a isso num colégio e faço o Mestrado na universidade».

## **Cada dia ganha outra dimensão se colocarmos Deus no centro**

«Um amigo que conheci na *Sorbonne* convidou-me para uma palestra de formação no centro do Opus Dei, ponto de encontro de estudantes universitários e jovens profissionais, e onde vivem vários estudantes. Ali, o que mais me chamou a atenção foi perceber que as coisas difíceis de cada dia ganham outra dimensão se colocarmos Deus no centro; a oração, rezar o terço e a missa têm sido uma boa mudança e o motor para viver cada dia.

Também se começa a ver o trabalho com outros olhos. Não se trata

apenas de ganhar um salário, mas de ter consciência de que, ao trabalhar bem por amor a Deus, a vida faz muito mais sentido. Para mim, tem sido um luxo experimentar como é ter uma vida espiritual. Sou cooperador do Opus Dei há três anos e participo em aulas de formação, conferências e palestras proferidas por sacerdotes.

Este sentimento de pertença e de convivência familiar que se faz sentir em *Garnelles* também ficou muito evidente durante a pandemia. As comunidades católicas permaneceram muito unidas, porque uma pessoa sente-se parte da Igreja e não estamos sozinhos.

Todos temos necessidade de ser úteis, de partilhar o nosso conhecimento, de ajudar; e, como estrangeiro, valorizo muito esse serviço aos imigrantes porque também sou um deles».

*Para saber como ativar legendas em português, clique aqui.*

pdf | Documento gerado automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/ao-servico-dos-imigrantes-africanos-em-paris/>  
(20/01/2026)